

Vestibular Discursivo da UNICAMP: um espaço de interação entre a Universidade e a Escola

Maria Bernardete Marques Abaurre*

Quando, em 1986, a Universidade Estadual de Campinas optou por realizar mudanças no processo de seleção de seus futuros alunos, os objetivos associados a essas mudanças não se resumiam à adoção de questões discursivas e à inserção de uma prova de redação com características inovadoras. Na verdade, as mudanças efetuadas constituíam-se na face visível de uma nova perspectiva que, esperávamos, passasse a ser associada ao momento de realização de um exame vestibular.

Tradicionalmente definido como exame de seleção, o vestibular tende a ser encarado como um "mal necessário" em um país como o nosso, em que muitos são os interessados e pouquíssimas as vagas disponíveis em universidades públicas; o vestibular passa a representar, para a sociedade, uma forma "objetiva" de determinar quem serão, dentre os milhares de inscritos, aqueles poucos com direito a realizar um curso em uma escola superior pública e gratuita.

Ocorre, porém, que justamente porque o número de vagas oferecidas sempre foi muito inferior à demanda, a sociedade passou a procurar, na escola, os meios que garantissem sucesso no momento de seleção. O resultado desse processo é bastante conhecido: as escolas particulares passaram a privilegiar um ensino conteudístico com vistas a garantir que seus alunos dispusessem das informações necessárias

para um bom desempenho nas provas de exames vestibulares (elaboradas, via de regra, de modo a verificar exclusivamente em que medida os candidatos inscritos dominavam o conteúdo das disciplinas do núcleo comum do currículo de 2º grau). A opção por provas baseadas em questões de múltipla escolha fez com que um segundo conhecimento específico passasse também a ser "vendido" nas escolas: como obter um bom desempenho nesse tipo de avaliação. E, aos poucos, a escola foi deixando de ser o espaço de formação de novos cidadãos consciente para se transformar no local privilegiado de "treinamento" de jovens que desejassem ser aprovados em testes de múltipla escolha.

Foi pensando nas conseqüências pedagogicamente nocivas que os testes de múltipla escolha acarretaram no ensino de 2º grau (e, por vezes, mesmo no de 1º grau) que a UNICAMP decidiu promover algumas mudanças radicais no seu exame vestibular, a mais importante das quais foi a opção por um exame totalmente discursivo.

O que procuraremos fazer, nesta apresentação, é expor a filosofia que norteou a constituição do novo "modelo" de exame de seleção adotado na Universidade de Campinas. Cumpre esclarecer, desde já, que não se questiona a possibilidade de bons testes de múltipla escolha selecionarem bons candidatos. Dado um contexto educacional ideal, em que é razoável

* Coordenadora Acadêmica; Comissão Permanente para os Vestibulares da UNICAMP.

pressupor, para a maioria das instituições de ensino público e privado, uma competência efetiva no desempenho de suas funções de formação e instrução das crianças e dos jovens, a universidades talvez pudessem optar por testes como instrumento de avaliação confiável e operacionalmente mais econômico. Infelizmente, no entanto, não é essa a situação do ensino Brasil (como de resto, não o é na maioria dos países do mundo, neste final de milênio!). Entre nós, como já se ressaltou, as escolas procuram adequar suas práticas aos moldes "impostos" pelos concursos vestibulares das universidades, como se sua função primeira fosse simplesmente preparar candidatos para passar nesses concursos; e não a de propiciar, aos alunos, as condições educacionais ideais tanto para uma aprendizagem crítica e inteligente dos vários conteúdos escolares, como para sua função como futuros cidadãos de um mundo que está a exigir, cada vez mais, capacidade de discernimento e princípios sólidos na seleção e utilização de quaisquer conhecimentos.

A partir dessas preocupações, a UNICAMP definiu, como se segue, os objetivos de seu concurso vestibular e o perfil do aluno ideal:

O Concurso Vestibular consiste na classificação de candidatos à matrícula inicial na Universidade e tem por objetivos:

- I. selecionar candidatos adequados ao perfil do aluno desejado pela Unicamp;
- II. verificar o domínio do conhecimento normalmente adquirido nas diversas formas de educação ao nível de 2º grau;
- III. avaliar a aptidão e o potencial dos candidatos para o curso superior em que pretendem ingressar;
- IV. interagir com o 1º e 2º graus, no redirecionamento do ensino.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, as características a serem avaliadas nos alunos cujo e perfil desejado pela Unicamp são:

- I. que sejam capazes de exprimir-se com clareza;

- II. que sejam capazes de organizar suas idéias;

- III. que sejam capazes de estabelecer relações;

- IV. que demonstrem capacidade para interpretar dados e fatos;

- V. que sejam capazes de elaborar hipóteses;

- VI. que dominem os conteúdos das disciplinas do núcleo comum do 2º grau.

(portaria do vestibular. Em: Manual do Candidato - Vestibular Unicamp/96, p. 36)

Para que os objetivos acima identificados pudessem ser atingidos, decidiu-se que o exame vestibular da Unicamp seria realizado em duas fases, assim caracterizadas:

§ 1º - A primeira fase, obrigatória para todos os candidatos, é constituída de uma única prova composta de uma Redação e de um conjunto de 12 questões Gerais sobre o conteúdo programático das disciplinas do núcleo comum de 2º grau, com a finalidade de avaliá-los dentro dos objetivos enumerados(...).

§ 2º - A prova da 1ª fase valerá 60 pontos: 30 para redação e 30 para o conjunto de Questões gerais.

§ 3º - Estarão eliminados do Concurso os candidatos que obtiverem nota 0 (zero) em qualquer um dos componentes da prova da 1ª fase: componente 1 - Redação e componente 2 - Questões gerais.

§ 4º - Para a 2ª fase são convocados os candidatos que conseguirem um rendimento igual ou superior a 50% do valor total da prova da 1ª fase.

§ 5º - Se, depois de aplicado o critério de convocação definido no parágrafo anterior, o número de candidatos de 1ª opção para cada curso inferior a 3 vezes o número de vagas do curso, serão convocados para a segunda fase, até se completarem o número de três candidatos por vaga no curso, pela ordem decrescente de notas, os candidatos que tenham feito a 1ª opção pelo curso e que não tenham sido eliminados pelo critério exposto no parágrafo 3º deste artigo.

A segunda fase é constituída de oito provas de natureza analítico-expositiva das disciplinas obrigatórias do núcleo comum do 2º grau, estabelecidas pela resolução nº 06/86, do Conselho federal de educação.

§ 1º - As provas são realizadas em quatro dias consecutivos, obedecendo à seguinte distribuição:

I. Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa e Ciências Biológicas, no primeiro dia;

II. Química e história, no segundo dia

III. Física e Geografia, no terceiro dia

IV. Matemática e Língua Estrangeira, no quarto dia

§ 2º - O candidato tem quatro horas para a realização das duas provas estabelecidas para cada dia

§ 3º - As provas de cada disciplina valerão 60 pontos e serão compostas de 12 questões. Cada questão valerá 5 pontos.

§ 4º - As provas são idênticas para os candidatos de todas as áreas do conhecimento.

§ 5º - A ausência a qualquer das provas ou obtenção de nota 0(zero) em qualquer das provas elimina o candidato do concurso.

(Portaria do Vestibular. Em: Manual do Candidato - Vestibular Unicamp/96, pp.36-7)

O objetivo da redação, bem como das questões da primeira fase, é basicamente o de verificar em que medida os candidatos, além do domínio do conteúdo das disciplinas do núcleo comum do 2º grau, demonstram as habilidades definidas no perfil do aluno desejado pela UNICAMP. Quando consideramos tais habilidades, concluímos que, na verdade, a opção feita pela Universidade de Campinas por um novo tipo de vestibular foi fruto da necessidade de garantir que o exame selecionasse candidatos que, ao terem acesso a uma estrutura de ensino eficiente, fossem capazes de aprender. Nesse sentido, com vistas sobretudo ao estabelecimento de um diálogo que se pretendia profícuo com o ensinamento de primeiro e segundo grau vi-

sando à discussão e eventualmente redirecionamento de algumas práticas e ao estabelecimento de novas prioridades, a UNICAMP optou por um modelo de vestibular inteiramente discursivo. Assim, o objetivo deste vestibular não é unicamente o de selecionar candidatos que demonstrem capacidade de adquirir conhecimento de forma independente, através da leitura de textos relevantes; e, por outro, relevem, através das respostas que propõem para as questões formuladas, como os conteúdos a elas associados foram desenvolvidos em sala de aula.

Nosso pressuposto era o de que, a partir de tal modelo, poder-se-ia criar um contexto propício ao diálogo pretendido, na medida em que as escolas e os professores, interessados em entender o que efetivamente estaria por trás de uma opção sem dúvida muito mais trabalhosa (em termos, principalmente, da correção dos exames!), atenderiam aos nossos convites para discussão das provas e do desempenho dos alunos. Seria possível, assim, a partir dos ricos indícios registrados nas redações dos candidatos sobre como a escola vinha trabalhando língua materna e a prática de leitura e produção de textos; a partir dos registros, nos espaços das respostas às questões das várias disciplinas, do percurso do raciocínio do candidato para resolver determinados problemas de física, química ou matemática, ou para pronunciar-se sobre determinados tópicos de biologia, geografia, história ou língua materna ou estrangeira; a partir, enfim, do que os candidatos de modo geral revelam, através de respostas discursivas, sobre a história de sua relação com a instituição escolar, reunir elementos para uma discussão produtiva com os professores de primeiro e segundo graus.

A UNICAMP acreditava também que tal opção levaria a um questionamento que há muito se fazia necessário sobre o perfil e a qualidade dos próprios cursos de graduação oferecidos pela universidade, nas várias áreas. Afinal, se para definir seu novo vestibular, tomou como ponto de partida a definição do que passou a considerar o perfil do seu aluno ideal, a universidade passou, coerentemente, a tomar como referência os contornos desse perfil nas discus-

sões subseqüentes sobre a qualidade da docência, sobre as grades curriculares, sobre o perfil dos profissionais que forma e assim por diante.

No momento em que realiza o seu décimo vestibular discursivo, a avaliação que faz a UNICAMP sobre a consecução dos objetivos que a levaram a essa opção é extremamente positiva. Houve, sem dúvida, um avanço significativo no diálogo com os professores, através de eventos de divulgações, cursos, publicação de fascículo sobre a filosofia que subjaz à elaboração e correção das provas. As solicitações para que a universidade repita os eventos de divulgação e os cursos que promove para novos grupos de professores tem sido sempre crescente e se por um lado há dificuldades, tanto de ordem material como em termos da disponibilidade de agenda dos professores universitários envolvidos com o trabalho da Comissão de Vestibulares para que se atenda a essa demanda, pode-se firmar que enquanto o contato dos professores do primeiro e segundo graus com os docentes universitários é crucial para o redirecionamento do trabalho com as várias disciplinas, o contato dos docentes universitários com a realidade das salas de aula de primeiro e segundo grau é fundamental, não só para que possam auxiliar na elaboração de propostas inovadoras e articuladas, mas também para que percebam a urgência de adequar sua própria docente nos cursos universitários a essa realidade. Nesse sentido, além do contato com os professores de primeiro e segundo graus, tem sido crucial o contato dos professores da universidade com seus futuros alunos a partir do desempenho dos candidatos nas provas discursivas do concurso vestibular.

Assim, em todos os contextos que têm permitido o debate, vimos utilizando dados preciosos para reflexão a partir da análise do próprio desempenho dos candidatos nas provas de redação e nas respostas das demais disciplinas. Gostaríamos de ressaltar que, com base nesse material, tem sido possível avaliar indiretamen-

te a qualidade de ensino de primeiro e segundo grau no país, uma vez que o vestibular da UNICAMP é nacional e tem atraído, ao longo dos anos, um número cada vez maior de candidatos de vários estados.

Hoje, podemos afirmar que as redações e questões propostas nas provas deste exame vestibular contribuem para que se faça uma imagem bastante precisa da situação do ensino das várias disciplinas de 2º grau em escolas públicas e particulares brasileiras. É interessante chamar a atenção para o fato de que se esteja obtendo tal imagem - que pode ser imediatamente associada à proposta de um "teste de maturidade" a ser realizado no momento de saída do 2º grau - através de um exame vestibular discursivo. Pode-se supor que a realização, no momento em que os alunos concluem o 2º grau, de uma prova com características semelhantes à realizadas no Vestibular UNICAMP permitiria que a universidade, agora sem qualquer peso na consciência, voltasse a propor uma prova de seleção voltada exclusivamente para verificação de conteúdos específicos, uma vez que a detecção de habilidades tão importantes como aquelas definidas no perfil de aluno ideal já teria sido feita por meio de um outro instrumento de avaliação realizado, agora nacionalmente, na saída do 2º grau.

Enquanto propostas como essa permanecem no plano da utopia, a UNICAMP continuará tomando para si a tarefa de tomar mais significativo o momento de seleção de candidatos às vagas dos cursos que oferece, com certeza de que, passados 10 anos das mudanças realizadas nos seu concurso vestibular, é possível constatar, principalmente no estado de São Paulo, que grande tem sido a sua contribuição no redirecionamento do trabalho com a leitura e produção de textos e com os conteúdos específicos nas escolas de 2º grau das redes públicas e particulares.